

PORTUGUÊS DO BRASIL E PORTUGUÊS DE PORTUGAL: DIFERENÇAS

Ermínio RODRIGUES*

RESUMO: *Analisamos, a partir da última reimpressão do dicionário de Collins — Portuguese-English, English-Portuguese Dictionary —, algumas diferenças, principalmente lexicais, entre o Português do Brasil e o Português de Portugal.*

UNITERMOS. *Aportuguesamento; brasileirismo; frequência de uso; léxico; lusismo; morfologia; ortografia; norma; semântica; vocabulário.*

Ao professor Salum, um pouco do muito que lhe devo.

Algumas diferenças, principalmente lexicais, entre o Português do Brasil e o Português de Portugal, podem ser encontradas na última reimpressão do dicionário de bolso da Collins — *Portuguese-English, English-Portuguese Dictionary* (London, Collins Clear-Type Press, 1978), organizado por N. J. Lamb, leitor de português e espanhol na Universidade de Liverpool (Inglaterra).

Dentro das limitações impostas pela natureza da obra, o Autor conseguiu dar-nos, ao menos até 1964, data da primeira e única edição, um dicionário claro, atualizado e, sobretudo, útil, em suas setecentas e sessenta e oito páginas.

Além do cuidado com a seleção das palavras (vocabulário básico), procura ajudar o consulente com indicações que o situem no âmbito das duas normas-padrão, a brasileira e a portuguesa, marcando, por exemplo, *diferenças lexicais* (cave/porão), *mórficas* (ímanes/ímãs;

chuto/chute; ficheiro/fichário), *gráficas* (turquês/torquês), *fonéticas* (escuteiro/escoteiro) e *de registro* (culto/popular/poético/gírio, etc.).

Procuramos neste artigo reunir e comentar todas as diferenças assinaladas pelo Autor e acrescentar outras, sugeridas pela leitura do próprio dicionário. Assim, a par de leves alterações propostas para a segunda edição (v. *adjustment, basement, canoe, driving licence, girl, gutter, hinterland, kerb, lance-corporal, mouse, overcoat, slum*), procedemos a trinta e oito inclusões, que figuram nos verbetes colocados entre colchetes (v. *accountant, asparagus, attendance, bath-room, boot-black, butcher, butcher's shop, canadian, cigarette holder, city hall, drawer, financier, goal, gutter, hostess, leather shoes, left-winger, lift, lottery, lottery-ticket seller, night-dress, pedestrian, pickpocket, plumber, raven, record-player, refrigerator, sandwich, skating, smoke, sock, sling, stoker, take off, ticket-office, toothpaste, underground railway, vest.*)

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — Campus de São José do Rio Preto — UNESP, SP.

Seguimos, na apresentação dos verbetes, a ordem estabelecida pelo próprio dicionarista: em primeira lugar, o termo inglês e, em seguida, as formas portuguesa e brasileira, a que juntamos, via de regra, exemplos e comentários.

Os exemplos foram colhidos entre autores contemporâneos portugueses ou em traduções de obras estrangeiras feitas em Portugal nos últimos anos. Tal documentação, predominantemente literária, espelha, em certa medida, o uso vivo atual, as preferências mais gerais da comunidade linguística portuguesa.

Os comentários, geralmente breves, procuram restringir ou ampliar os limites da compreensão do termo em foco, mormente quanto ao português do Brasil.

Servimo-nos, às vezes, da comparação com outras línguas (espanhol, francês, italiano, alemão), com o propósito de alargar a visão crítica dos fatos (interinfluências, coincidências criadoras, decalques, adaptações fonológicas ou morfológicas, etc.).

Preocupamo-nos, como o Autor, com a média linguística, à qual se adaptam aqueles que vão a Portugal ou vêm ao Brasil. Assim, por exemplo, entre *estilingue*, *bodoque*, *atiradeira*, *beca*, *fun-da*, *peteca*, *seta* e outras que os dicionários não registram, indicamos *estilingue*, como tradução de *sling* e sinônimo da designação portuguesa *fisga*, por ser a mais freqüente entre nós, como o comprovamos em pesquisa onomasiológica, entre 1966 e 1976. Diga-se o mesmo de *gol* em relação a *golo* (v. *goal*), de *carona* em confronto com *bigu*, *beicho*, *beira*, *xepa* . . . (v. *lift*).

Vamos aos verbetes, que valem por si mesmos.

Accountant

“Contabilista” (Port.), “contador” (Bras.).

▲ Embora Portugal não desconheça *contador*, com o sentido de “especialista em contabilidade”, emprega-o menos que *contabilista*. Entre nós, conquanto *contabilista* englobe *contador* (título universitário) e *técnico em contabilidade* (título pré-universitário), predomina *contador*.

Dois exemplos de Fernanda Botelho, em *Lourenço é Nome de Jogral*: “O meu fracasso talvez seja esse: teriam feito de mim um *contabilista* genial, mas, para ser um grande poeta, faltou-me talvez uma desesperada fruição do enredo (. . .)” (8, p. 27) — “Um artigo cortado, outro mutilado, (. . .) uma discussão com o *contabilista*, um telefonema do Rogério (. . .)” (8, p. 37)

Compare com: *contador* ou *comptable* (esp.), *comptable* (fr.), *contabile* (it.).

Adjustment

“Regulação”, “retificação” (Port.), “ajustagem” (Bras.).

▲ Com relação ao motor do carro, por exemplo, usamos com mais freqüência *regulagem*.

Quanto aos sinônimos propostos para a tradução portuguesa, conviria deixar apenas “regulação”, por ser mais abrangente que “retificação”. Neste há um traço semântico que falta àquele: pensamos em motor desgastado pelo uso e não numa avaria qualquer, que pode, em geral, ser facilmente corrigida. *Retificação* implica *recondicionamento*.

Asparagus

“Espargo” (Port.), “asparago” (Bras.).

▲ Variantes marcadas pela preferência de uso. Documentamos com Marta de Lima: “Come os *espargos* à mão, as pontas só, molhadas em natas batidas com sal, limão, pimenta, como o Rodrigo gosta.” (26, p. 72)

Compare com: *asperge* (fr.), *aspàrago* ou *spàragio* (it.), *espàrrago* (esp.).

Attendance

“Comparência” (Port.), “comparecimento” (Bras.).

▲ Como podem ocorrer, ambos os termos, em Portugal ou no Brasil, marca-se aí a frequência de uso.

Exemplo de um gramático português radicado no Brasil: “Evitava, sempre, o convívio das grandes sumidades das letras francesas, o que parece muito estranho, bem como a *comparência* a sessões e festas, mandando o chanceler do Consulado para o representar.” (Marques da Cruz, 15, p. 66) Ou este outro, de Armando Antunes da Silva, escritor alentejano: “Imediatamente telefonaram para o posto da vila, pedindo a rápida *comparência* de soldados.” (48, p. 153)

Barbecue

“Festim (em que se come carne assada)” (Port.), “churrasco” (Bras.).

▲ A tradução “festim (em que se come carne assada)” recobre uma das duas acepções de *churrasco*, aquela a que os espanhóis, ao menos os de Madri, chamam *parrilada*: “reunión o fiesta campesitre en que se comen principalmente carnes asadas al aire libre, bien sobre parrilla, bien clavadas en asador.”

Ao falar do churrasco que conheceu no Rio Grande do Sul, o jornalista norte-americano Roberto A. Erlandson fixou também esse sentido de “festa ou recepção com churrasco”, como se vê no título do artigo publicado em “The Sun”, de Baltimore:

“A churrasco — barbecued beef party

typical of gaucho hospitality.”

O início do *churrasco* ou *churrascada*,

“festa típica da hospitalidade gaúcha”, assim é apresentado por ele a seus leitores:

“The savor of beef roasting over and open fire wafts from the windows of the thatched roofed shed. Accordions and guitars play the footstomping gaucho rhythms (...)”

(O cheiro de carne assando sobre fogo ao ar livre se eleva das janelas do galpão coberto de palha. Acordeões e violões marcam os ritmos gauchescos.)

A outra acepção de *churrasco* — “carne assada geralmente ao calor da brasa, em espeto ou sobre grelha” — vem nestes versos, recolhidos por Teschauer:

“Tenho saudade dos campos
Saudades do meu rincão
Saudades do bom *churrasco*
E do mate-chimarrão.” (55, p. 52)

Basement

“Cave” (Port.), “porão” (Bras.).

▲ Para que *porão* equivalha a *cave*, “residência subterrânea, por baixo do rés-do-chão”, falta a indicação de dois traços semânticos, que poderiam vir entre parênteses: “porão (de casa e habitável)”.

Eis um exemplo de Fernando Botelho, em *A Gata e a Fábula*: “E, ao mesmo tempo, a documentá-lo pelo sentido do olfato, atingiu as narinas de Duarte, vindo duma janela de *cave*, um forte aroma a bife com muito alho.” (9, p.111)

A idéia de “abaixo de” vem bem marcada, por exemplo, em *sous-sol* (fr.), *sottosuolo* (it.) *subsuelo* (esp.), *Untergrund* (al.).

Bathing-costume

“Fato de banho” (Port.), “roupa de banho” (Bras.).

▲ Documentamos o uso português com Fernando Namora, em *Cidade Solitária*: “Vira-a pela primeira vez na praia, e logo em *fato de banho*; o corpo dela

possuía a graciosidade de uma dançarina.” (36, p.12)

Compare com: *traje de baño* (esp.), *costume da bagno* (it.) *maillot de bain* (fr.), *Badehose* (al.).

Bath-room

“*Casa de banho*” (Port.), “*banheiro*” (Bras.).

▲ Em *A Porta dos Limites*, de Urbano Tavares Rodrigues, encontramos este exemplo: “*Da casa de banho*, que comunicava com aquela saleta, vinha um cheiro a cano assaz desagradável. Lina tinha um olfato apuradíssimo: detestava aquela *casa de banho*...” (41, p. 104)

Além de casa de banho, ocorrem *quarto de banho* e *sala de banho*: “Àquela hora não há na casa um sítio que se diga seu. Mete a carta no bolso do roupão, entra no *quarto de banho*, põe a água a correr. Vai buscar a roupa, os sapatos — demora na escolha —, volta ao *quarto de banho*, despe-se, entra na banheira.” (Marta de Lima, 26, p. 52) — “Aproximou os pés do espelho de corpo inteiro da *sala de banho*, para ver se estavam convenientemente arranjados.” (60, p. 115)

Compare com: *salle de bain* (fr.), *sala ou stanza da bagno* (it.), *cuarto de baño* (esp.) *Badezimmer* (al.) = quarto de banho).

Banheiro, em Portugal, entre outras acepções, é o nome que se dá ao *salva-vidas*. Corresponde ao inglês: *bath-attendant*, *beach-guard* ou *lifeguard*.

Big shot

“*Magnate*” (Port.), “*mandachuva*” (Bras.).

▲ Usamos *magnata* e *mandachuva*, mas os diferenciamos: culto / popular (gíria).

Um exemplo de Fernanda Botelho: “É evidente que, hoje, submeto-me a outras infalibilidades. à dum Machiavel de quinhentos anos, sempre atual; à dos cordelinhos com que, dos altos bastidores, os *magnates* da multifronte guerra industrial provocam o bracejo dos seus fantoches.” (8, p. 34)

V. *Cock-of-the-walk*.

Bilge

Quando usado no plural: “*Tolice*” (Port.), “*bobagem*” (Bras.).

▲ Dada a preferência portuguesa por outros adjetivos que sinonimizam com *bobo* (tonto, parvo, pateta, tolo, idiota, palerma...), o substantivo daí derivado se tornou menos freqüente.

O *Dicionário da Linguagem Corrente de Inglês-Português* (6, s.v.), de Manuel I. Anacleto, exemplifica “Do you believe all that *bilges*?” (= Acreditas nesses disparates?) — e determina a área de emprego: familiar.

Bill of fare

“*Ementa*” (Port.), “*cardápio*” (Bras.).

▲ V. *menu*.

Black-market

“*Mercado negro*” (Port.), “*câmbio negro*” (Bras.).

▲ A partir de *mercado de câmbio negro*, surgiram as designações acima. Marca-se aí a freqüência de uso.

Compare com: *marcato nero / cambio nero* (it.), *mercado negro* (esp.), *marché noir* (fr.).

Boot-black

“*Engraxador*” (Port.), “*engraxate*” (Bras.).

▲ A julgar pelas poucas referências, *engraxate* não deve ser forma antiga. Antônio Joaquim de Macedo Soares registra em 1885 (51, s.v.), Afonso d'E. Taunay, em 1914 (53, s.v.) e Marques da Cruz, em 1920 (16, p. 137).

Macedo Soares acredita que o nome tenha vindo da frase — “Engraxa-te, signore” —, dita por meninos italianos que exerciam a profissão.

Marques da Cruz acha estranho o termo (“É a palavra mais esquisita que até hoje vi.”) e procura determinar-lhe o étimo: “Donde proveio? Ter-se-ia formado de *engraxate*, como está escrito em algumas tabuletas? Creio que sim.”

Substancialmente, os depoimentos de Macedo Soares e Marques da Cruz não diferem, quer se leia “ingráxati”, à maneira ítalo-brasileira, por “ingrássati”, quer se leia “engraxa-te”, à maneira portuguesa.

Considerando-se válida tal hipótese, resta explicar a transposição do acento tônico para a sílaba seguinte e o processo da substantivação.

A diástole, devida à influência analógica de termos designativos de profissões, como *alfaiate*, *mascate*, etc., explica e justifica a substantivação.

Botton

“(Apartamento) do rés-do-chão” (Port.), (apartamento) do andar térreo” (Bras.).

▲ É a mesma tradução que dá para *groundfloor* (v.).

Boy scout

“Escuteiro” (Port.), “escoteiro” (Bras.).

▲ Documentamos o uso português: “Que raio se terá passado com o nosso escuteiro para se empifar?” (61, p. 326)

Poder-se-ia fixar uma só grafia, sem prejuízo da pronúncia portuguesa e brasi-

leira: *escoteiro*, já que se sabe que, em Portugal, pode haver, em posição pretônica, neutralização entre /o/ e /u/.

V. Scouting.

Brake

Como verbo: “travar”, “meter os travões” (Port.), “brecar”, “frear” (Bras.).

▲ Do nosso *brecar*, derivado de *breque* — aportuguesamento de *brake* “freio” —, *brecada*, sinônimo de *freada*, que equivale, em Portugal, a *travão* ou *travagem*, como encontramos nestes exemplos de Augusto Abelaira: “Os *travões* dum automóvel, uma paragem brusca a cinco centímetros duma criança.” (1, p. 31) — “Nesse momento (ela ia ao volante) foi obrigada a uma *travagem* brusca — um automóvel, quando o ultrapassávamos, guinou inesperadamente para a esquerda.” (2, p. 36-7).

Exemplos de *travar* e *meter os travões* aparecem em Urbano Tavares Rodrigues e Luís de Sttau Monteiro, respectivamente: “Um ciclista, que seguia adiante do carro, desequilibrou-se e caiu, salvando-se devido ao sangue-frio de Lina, que conseguiu *travar*.” (41, p. 82) — “O agente menos graduado viu que o carro americano parara à sua frente e *meteu travões* apressadamente.” (34, p. 155).

Travar também ocorre no Brasil, ao lado do substantivo *travada*.

Compare com: *freiner*/ *frein* (fr.), *frenare*/ *freno* (it.), *frenar*/ *freno* (esp.).

Bus

“Autocarro” (Port.), “ônibus” (Bras.).

▲ Em *O Sermão do Fogo*, de Agustina Bessa Luís, vem este exemplo: “Só de noite se atreve a sair a pé, sem ter de acotovelar-se com as buscadoras de

autocarros, os viajantes do metro, os frequentadores das gares donde partem para todo o mundo aviões e comboios.” (29, p. 153).

Decalque de *autobus* (fr., it., esp., al.).

Mário-Henrique Leiria, em seus *Contos do Gin-Tonic*, usa a própria forma inglesa: “Saiu do *bus*, quase em frente à porta de casa, esfregou as mãos enluvasadas e atravessou a rua, atento ao trânsito.” (25, p. 171).

Ônibus também ocorre em Portugal, mas com outros sentidos.

Bus stop

“Paragem” (Port.), “parada” (Bras.).

▲ Exemplo de Fernando Namora: “Quando vinha do Cais do Sodré para aqui, e estava na *paragem* do autocarro, passou um tipo giro, num automóvel.” (36, p. 192).

O espanhol, como nós, diz *parada* (parada de autobus).

V. omnibus.

Butcher

“Homem do talho” (Port.), “açougueiro” (Bras.).

▲ Ao lado de *homem do talho*, ocorre também, em Portugal, *carnicheiro*, tradução dada ora a *butcher*, ora a *flesher*. Eis um exemplo de Marta de Lima: “As pratas fecham-se no armário. Pratas são para servir, não são para exibir, todos nós sabemos que ela as tem, e quem é que hoje ostenta pratas? Só os *carnicheiros* lá na nossa terra.” (26, p. 30).

Butcher's shop

“Talho” (Port.), “açougue” (Bras.).

▲ Embora em Portugal se diga tanto *talho* quanto *açougue*, haja vista a

observação de Arlindo de Sousa, em *A Língua Portuguesa no Brasil* (52, p. 163-4), cremos que o primeiro seja mais frequente que o segundo.

Na tradução portuguesa do romance *Le petit chose*, de Alphonse Daudet, se colhe este exemplo: “Quando, nos *talhos*, a velha Annou pedia uma “carbonade”, o *carnicheiro* largava-lhe, em plenas bochechas, uma gargalhada de troça; não sabia o que era uma “carbonade”, o selvagem...” (17, p. 22) Ou, em Urbano Tavares Rodrigues, este outro: “Bonjour, monsieur Pacenti”. O dono do *talho*, o barbeiro catalão, a empregada da pastelaria cumprimentavam-no polidamente.” (41, p. 29).

No Brasil, paralelamente a *açougue*, já se encontra, ao menos como nome próprio comercial, *casa de carne*; “Casa de Carne Cláudio Adão”, “Casa de Carne e Mercearia Boa Vista”, “Casa de Carne e Peixaria São Marcos”...

Canadian

“Canadiano” (Port.), “canadense” (Bras.).

▲ Como a marcar a preferência por *canadiano*, vários dicionaristas portugueses o colocam em primeiro lugar (*canadiano* ou *canadense*) ou lhe dão o verbete principal, para onde remetem o leitor que vai em busca de *canadense* ou *canadiense*. Nem faltam aqueles que registram apenas *canadiano*.

Dentre as várias possibilidades sufixais, no campo dos gentílicos, os portugueses preferiram *canadiano* a *canadense*, ao contrário dos brasileiros. Com isso, ficaram mais próximos do inglês.

Canoe

“Canoa” (Port.), “igara” (Bras.)

▲ No Brasil, empregam-se ambas as formas, a exemplo de *canoeiro* e *igariteiro*. Deve-se observar, contudo, que *canoa* e *canoeiro* são mais frequentes e

mais gerais que *igara* e *igariteiro*. Estas duas últimas ocorrem ao Norte do país, ao lado daquelas outras.

Na próxima edição, deixe-se, S.M.J., apenas *canoas*.

Card-index

“Ficheiro” (Port.), “fichário” (Bras.).

▲ Fernando Namora, em *Cidade Solitária*, exemplifica: “Trabalho na seção de *ficheiro*. *Ficheiro* de clientes, *ficheiro* de gravuras, *ficheiro* de fornecedores, *ficheiro* de matérias-primas. *Ficheiros*, *ficheiros*. Na minha cabeça já não há outra coisa: papéis catalogados.” (36, p. 191).

Ficheiro, entre nós, é “o que, no jogo, conta ou distribui fichas”.

Compare com *bolseiro/bolsista* (v. *scholarship holder*) e ainda com *fichero* (esp.), *fichier* (fr.), *schedario* (it.).

Centre-forward

“Avançado-centro” (Port.), “centroavante” (Bras.).

▲ Em jornais de esporte portugueses, encontra-se também: *dianteiro-centro*, como em espanhol: *delantero centro*.

O nosso *centroavante* pode ser comparado ao italiano *centravanti* e a esta outra forma espanhola: *centrodelantero*.

Entre nós ainda ocorrem: *comandante de ataque* ou, com elipse do determinante, *comandante*, e *ponta-de-lança*.

Chewing-gum

“Pastilha elástica” (Port.), “goma de mascar” (Bras.).

▲ Encontramos *pastilha elástica* na tradução da obra *The Chapman Report*, de Irving Wallace: “Agora era a cara de

bolacha, nariz retorcido e mandíbulas salientes do mascador de *pastilha elástica*.” (61, p. 465).

Em José Cardoso Pires aparece *goma*: “Havia ainda outro indivíduo mas esse não conversava nem ouvia. Mascava *goma*”. (38, p. 138).

Urbano Tavares Rodrigues, em *A Porta dos Limites*, (41, p. 220) e José Cardoso Pires, no romance acima citado (38, p. 140), empregam a própria forma inglesa.

Além de *pastilha elástica*, encontramos, com menos frequência, *chicle*: “O bairro é pouco dado a mastigar *chicle*”. (José Rodrigues Miguéis, 32, p. 70).

No Brasil, ao lado de *goma de mascar*, temos também *chicle* (v. Clarice Lispector, 27, p. 20) e as variantes mais freqüentes *chiclê* e *chiclete*.

Compare com: *goma de mascar* (esp.), *gomma da masticare* (it.), *Kaugummi* (al.; = goma de mascare).

V. spearmint

Cigarette holder

“Boquilha” (Port.), “piteira” (Bras.).

▲ Exemplo de Augusto Abelaira: “Cachimbo como a mulher do Brecht, não. Mas já usei *boquilha*.” (1, p. 27).

Compare com: *boquilla* (esp.), *bocchino* (it.).

City hall

“Câmara Municipal” (Port.), “prefeitura” (Bras.).

▲ Serve de exemplo o verbete “almeida”, extraído do *Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo: “(Termo de Lisboa) Empregado da *Câmara Municipal*, ocupado na limpeza da cidade.” (22)

Geralmente ocorre sem o determinante, dada a clareza do contexto: “Silva

Sequeira, secretário da *Câmara* e o homem que mais manda no município — precisamente porque na terra dos cegos... —, corroborava.” (Mário Ventura, 58, p. 28). — “Na véspera, as mulheres tinham marchado sobre a Vila e, todas em coro, apresentaram-se na *Câmara*. Pediam pão para casa, trabalho para os maridos”. (José Cardoso Pires, 38, p. 34)

V. *mayor*.

Cock-of-the-walk

Homem importante ou influente em seu meio: “Mandão” (Port.), “manda cheva” (Bras.).

▲ Usamos os dois termos, embora *mandachuva* seja mais expressivo, graças, principalmente, à hipérbole: é como se o chefe, por ser poderoso, pudesse influir até sobre o tempo.

Em inglês, sobressai a figura do galo: *the cock of the walk* = o galo da aldeia.

Galo, com o sentido de “indivíduo de mais influência e importância”, já vem registrado, por exemplo, no *Novo Dicionário Brasileiro*, da Melhoramentos.

V. *big shot*.

Crusher

Moenda (de cana-de-açúcar): “Pisador” (Port.), “engenho” (Bras.).

▲ *Pisador*, cujo nome nos reporta ao estágio primitivo da evolução da indústria vinícola, quando se esmagavam as uvas com os pés, continua ligado às uvas e não já à cana-de-açúcar.

Curb

“Rebordo do passeio” (Port.), “meio-fio” (Bras.).

▲ Exemplo de Augusto Abelaira: “Fazio levantou de súbito o pé. Debaixo do sapato, mas trepando-lhe à consciência, qualquer coisa de elástico. de viscoso

e ainda fresco. Esfregou a sola, demoradamente, no “rebordo do passeio.” (3, p. 29)

Compare-se com o francês *bord du trottoir*.

V. *kerb*.

Daddy

“Papá” (Port.), “papai” (Bras.).

▲ Os portugueses, a exemplo dos espanhóis, dizem *papá*, como vemos em Agustina Bessa Luís: “Crescemos, foi cada um para seu lado... Casamos todas, só Corina é que não. Imitava-me sempre, andava atrás de mim por toda a parte, mas ficou em casa com o *papá*.” (29, p. 170)

Dial

Peça dos aparelhos telefônicos automáticos por meio da qual se faz a ligação com o número desejado: “Marcador” (Port.), “disco” (Bras.) / “Marcar” (port.), “discar” (Bras.).

▲ Exemplo de *marcador*: “Com o dedo no *marcador* antes que outros marquem o mesmo número.” (Mário Dionísio, 18, p. 48)

Quanto a *marcar*, na acepção de “discar”, tanto se usa em Portugal quanto no Brasil. Aqui, contudo, é menos frequente. Em Augusto Abelaira, este exemplo: “Decerto o telefone estava interrompido, porque poisou o auscultador e tornou a *marcar* o número. Fazio?” (3, p.67)

Drawer

“Desenhador” (Port.), “desenhista” (Bras.).

▲ Em Manuel de Paiva Boléo: “Alberto Menarini, porém, entende que deve “acolher-se com reserva” esta explicação e propõe outra, sobre cuja validade me não posso pronunciar: o nome de uma personagem — “Eugene the Jeep” — criada pelo *desenhador* humorístico Elzie Crisler Segar.” (7, p. 13)

Outro exemplo encontramos na tradução portuguesa de *The Plot*, de Irving Wallace: “matriculara-a na Escola Paroquial de Desenho, mas tirara-a de lá pouco tempo depois, receosos de que ela se banalizasse, e promovera-a de manequim a *desenhadora* assistente.” (60, p. 170)

Diferença morfológica entre duas normas-padrão comparável a *comentador* (Port.), *comentarista* (Bras.). Em inglês: *commentator*.

Driving licence

“Carta de condução” (Port.), “carteira de chofer” (Bras.).

▲ *carta de chofer* é menos freqüente que *carta de motorista*, *carteira de motorista* ou, ainda, *carteira de habilitação*. A menor freqüência, observada entre *carta* e *carteira*, talvez se prenda à própria forma de expedição do documento oficial: a princípio, expediam-no em forma de carta e, depois, isto é, mais recentemente, em forma de carteira.

Na tradução portuguesa do romance *The Plot*, de Irving Wallace, vem este exemplo: “falemos de mim. Elisabeth é para a minha *carta de condução*, para as tias solteiras e para os clientes casados que tentam marcar-me entrevistas.” (60, p. 166)

Sem o determinante, há este exemplo de Augustina Bessa Luís: “A modorra da tarde, com os vadios todos encostados, o pé contra a parede, o chapéu desbotado de banda; e os *chauffers* de táxi, que acreditam perder a *carta* um dia e se previnem com um ofício de serralheiro ou electricista”. (29, p. 273)

Dustman

“Homem do lixo” (Port.), “lixeiro” (Bras.).

▲ Usamos ambas as designações e ainda esta outra, que ocorre em Portugal: *varredor*, menos ampla que as anteriores, a não ser que venha seguida de determi-

nante, como neste exemplo de José Rodrigues Miguéis, no conto “Arroz do Céu”: “O que se derramou no pavimento da rua, lá fica: é com os *varredores municipais*.” (32, p. 69)

Homem do lixo traduz as formas inglesa (*dustman*) e norte-americana (*garbage man*), embora não pensemos em decalque, dada a preferência portuguesa por construções desse tipo (homem do pão, homem do leite, homem do talho, homem da tenda, etc., ao lado de padeiro, leiteiro, carnicheiro, tendeiro).

Cândido de Figueiredo dá como termo de Lisboa *almeida* — “empregado da Câmara Municipal, ocupado na limpeza da cidade”. (22)

Financier

Especialista em *finanças*: “Financeiro” (Port.), “financista” (Bras.).

▲ Exemplo de Mário Dionísio: “Outro, ainda, há que arranjà-lo nos jantares com clientes possíveis, ricos, *financeiros* de empresas que vão nascer ou se transformam.” (18, p. 35)

Compare com: *fogueiro/foguista* (v. *stoker*), *bolseiro/bolsista* (v. *scholarship*).

Football fan

“Doente da bola” (Port.), “torcedor de futebol” (Bras.).

▲ Traduções próximas da designação inglesa, em que *fan* está por *fanatic* “admirador apaixonado” (“Ele era sportinguista apaixonado e o Sporting perdeu.” (4, p. 299)

Compare com: *hincha* e *seguidor* (esp.), *tifoso* (it.), *supporter* (fr.).

Girl

“rapariga”, “menina” (Port.), “moça” (Brasil e Norte de Portugal).

▲ Exemplos que documentam o uso português: “Em frente de nós um grupo

de *raparigas*: vinte anos por fazer, frescas, saias muito curtas, meias coloridas deixando os joelhos a descoberto, falavam em voz alta.” (Augusto Abelaira, 2, p. 90) — “A *menina* não reage, preservada nas suas peles, protegida na sua invulnerabilidade de dama da alta.” (Marta de Lima, 26, p. 127)

Não só ao Norte de Portugal, mas também em outras regiões, ocorre *moça*: “pois não era Rosalina uma *moça* decente, discreta?” (Fernanda Botelho, 10, p. 15) — “Deve ser boa *moça*, essa Rosalina!” (id., 10, p. 36) — “A *moça* não parecia cair em logros com facilidade.” (id., 10, p. 206) — “Tóino Valentim namorava uma *moça* de um sítio bisonho, escondido da charneca, onde uma vez pedira alojamento. Contara uma história, a *moça* ficara presa à sua voz amaciada pela solidão. Mas os pais dela torceram o nariz ao romance, ficaram mesmo escandalizados, um homem daqueles, sabia-se lá quem era, donde vinha, ou o que fazia...” (Antunes da Silva, 48, p. 147) — “Quando uma *moça* é formosa e tem jeitos de princesa, e o rapaz é saudável, escorreito, atrevido e amorudo (...)” (id., 48, p. 229)

J. A. Capela e Silva, em *A Linguagem Rústica no Concelho de Elvas*, registra *moça* com o sentido de “rapariga em idade de casar”. (50, p. 122)

Em *Cândido* de Figueiredo(22), no verbete *moça*, aparece o sentido acima registrado (*young woman*), ao lado de outros dois, dados, respectivamente, como termo chulo lisboeta (*strumpet*) e provincianismo (*maid*).

Goal

Na linguagem esportiva: “Golo”, “ponto” (Port.), “gol” (Bras.).

▲ Todas as formas acima ocorrem no Brasil, embora a mais freqüente e mais geral seja *gol*. *Golo*, ao lado de *gol*, ainda vive, por exemplo, em Porto Alegre (RS).

Quanto a *ponto*, sinonimiza com *gol* e *tento*, na linguagem jornalística.

Desde 1943, haja vista o *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, gramáticos e dicionaristas andam às voltas com o plural de *gol*, na terra do futebol. Diante do hibridismo gráfico *gols*, que não é inglês (*goals*) nem português, apresentam soluções de gabinete inexequíveis, já que se afastam do uso vivo da língua, como, por exemplo: *góis* (cp.: sol / sóis), *goles* (cp.: mal / males), quando *gous* é a pronúncia mais generalizada entre nós, justificando o aportuguesamento do inglês *goals*.

O aportuguesamento poderia ter-se verificado já no singular — *gou* em vez de *gol* —, a exemplo de *foul*, tornado *fau* “falta”, “infração”, mas, a esta altura, a pressão das formas derivadas (golaço, goleada, goleador, goleiro, goleraco...) o impede.

Em síntese: *gol / gous; golo / golos*.

Groundfloor

“rés-do-chão” (Port.), “andar térreo” (Bras.).

▲ Em David Mourão-Ferreira, este exemplo: “Vocês moravam no rés-do-chão; nós, no primeiro andar. E havia a cave, que vos pertencia.” (19, p. 31)

V. *bottom*.

Gutter

“Algeroz”, “caleira” (Port.), “calha” (Bras.).

▲ Apesar de *algeroz* ser antigo em Portugal (v. José Pedro Machado, 30, p. 211, s.v.) e vir registrado em vários dicionários modernos, é quase infreqüente diante de *caleira*, a julgar, ao menos, pelos textos literários e pelos glossários de que dispomos. Conviria, S.M.J., não incluí-lo na próxima edição.

Para documentar *caleira*, Vergílio Ferreira, em *Alegria Breve*: “Passa um

murmúrio de água, ao longo da sua *caleira*.” (21, p. 216)

Handlebar

Barra de direção de bicicletas, motocicletas, lambretas, etc.: “Guiador” (Port.), “guidão” (Bras.).

▲ Na tradução portuguesa de *La chute*, de Albert Camus: “A Holanda é um sonho, meu caro senhor, um sonho de ouro e de fumo, quanto mais fumoso de dia mais dourado de noite, e noite e dia este sonho é povoado de Lohengrins como estes, esgueirando-se, irrealis, sobre as suas negras bicicletas de *guiadores* altos, cisnes fúnebres que giram incessantemente em todo o país, em torno dos mares, ao longo dos canais.” (12, p. 27-8)

A par de *guidão*, ocorre, às vezes, *guidom*.

Compare com o francês *guidon*.

Heads or tails

“Cruzes ou cunhos” (Port.), “cara ou coroa” (Bras.).

▲ Como lembra José Leite de Vasconcelos, “deve entender-se que cada um adapta às respectivas moedas as exclamações e o nome do jogo.” (57, p. 226)

Em Urbano Tavares Rodrigues, observa-se o cruzamento das duas expressões: “*Caras*, montava-o eu; *cunhos*, o meu irmão. A moeda de dez tostões subiu ao ar como um exorcismo, caiu sobre um calhau, encalhou num púcaro de lata ali perdido, esquecido, tiniu, rolou, voltou-se enfim, junto a uma tojeira maninha, ardida dos charoucos. *Caras!* Era comigo.” (42, p. 93)

Metonimicamente, *cunho* aparece como “moeda” em *morde-cunhos* (“avarento”), na tradução portuguesa das *Fábulas de La Fontaine*, feita por Felinto Elisio: “Um *morde-cunhos* tinha amuado

tanto, ... (Cp.: “Un *pince-maille* avait tant amassé, ... V. “L’*Enfouisseur* et son *Compère*”.)

Compare, quanto à disposição dos termos, com o francês: (jouer à) *pile ou face* (literalmente: (jogar) coroa ou cara).

Hinterland

“Interior” (Port.), “sertão” (Bras.).

▲ Exemplo de David Mourão-Ferreira: “A África fora para ele, durante cinco anos, a solidão exaltante, e depressivamente ao mesmo tempo, do “interior”. (19, p. 158-9)

Em vez de *sertão*, caberia *hinterlândia*, com as várias acepções que a palavra comporta. V. *Novo Dicionário Brasileiro*, da Melhoramentos.

Holidaymaker

“Veraneante” (Port.), “veranista” (Bras.).

▲ Exemplo de José Rodrigues Miguelis, em *Gente da Terceira Classe*: “Era evidente que o bangalô fora construído ou reparado para receber *veraneantes*. Mas estava desocupado.” (32, p. 103)

Dois normas dentro do mesmo sistema: varia a seleção sufixal.

Hostess

Funcionária que, a bordo de aviões comerciais, presta serviços aos passageiros: “Hospedeira” (Port.), “aeromoça” (Bras.).

▲ Temos encontrado também com determinante: *hospedeira do ar* (*air hostess*): “E, esvoaçante, o enxame das *hospedeiras do ar* ou de terra, graças abelhas azuis, obrigadas ao “keep smiling”. (Urbano Tavares Rodrigues, 42, p. 176)

Compare com o francês: *hôtesse de l’air*.

Kerb

“Berma (do passeio)” (Port.), “meio-fio” (Bras.).

▲ *Berma*, como os exemplos abaixo o demonstram, ora traduz o nosso *meio-fio* (*kerbstone*), ora o nosso *acostamento* (*shoulder*): “Seguia com lentidão, procurando um lugar para estacionar na *berma* da direita.” (61, p. 144) — “Para lá da curva, as *bermas* dos passeios estavam pejadas de carros.” (id., p. 144) — “Paul chegou o descapotável para a *berma* da estreita estrada, a fim de deixar passar uma camioneta de carga.” (id., p. 365) — “Ouviram o *klaxon* dum automóvel e desviaram-se para a *berma* da estrada.” (José Cardoso Pires, 39, p. 70) — “Só teve tempo de poisar o filho numa das *bermas*, e de abrir os braços, bem a meio da estrada.” (Soeiro Pereira Gomes, 24, p. 265)

V. *curb*.

Kick

“Chuto” (Port.), “chute” (Bras.).

▲ No aportuguesamento do inglês *shoot*, optamos por uma classificação (vogal temática —e) e Portugal, por outra (vogal temática —o). Compare, por exemplo, com: *equipa* (Port.), *equipe* (Bras.), aportuguesamento do francês *équipe*.

Lance-corporal

Antiga graduação militar, acima do soldado e abaixo do cabo-de-esquadra: “Segundo-cabo” (Port.), “anspeçada” (Bras.).

▲ A história de *anspeçada*, contada por Gomes Monteiro e Costa Leão: “Esta palavra, que designava um posto inferior ao de cabo, provém das palavras italianas *lancia spezzata* (lança quebrada). Dai tira-

ram os franceses o seu *anspessade*, e deste tomamos nós o *anspeçada*.

Chamavam-lhe assim porque este posto era dado aos velhos gendarmes que, não podendo servir já na cavalaria, cuja arma principal era a lança, ficavam agregados, como por uma espécie de reforma, aos corpos de infantaria. Ali, por distinção, eram empregados em postar e retirar sentinelas, vigiar os soldados novos, etc., conservando a sua antiga paga que era mais avultada que a de infantaria.

Depois deu-se o nome de *anspeçada* aos soldados que, pelas suas qualidades, eram encarregados do comando de uma esquadra, fazendo como tal serviço de cabos. Era o posto intermédio ntre soldado e primeiro cabo, correspondente ao atual segundo cabo. Tinha por distintivo uma divisa em cada braço, cabendo a distinção aos melhores soldados da fileira, embora analfabetos.” (33, p. 31)

Eis, em ordem decrescente, a hierarquia militar brasileira, na época colonial e imperial, dentro do exército: marechal-de-exército; tenente-general; marechal-de-campo; brigadeiro; mestre-de-campo, ou coronel; tenente-coronel; sargento-mor ou major; ajudante ou capitão; tenente; alferes; primeiro-cadete; segundo-cadete; primeiro-sargento; furriel; cabo-de-esquadra; anspeçada; soldado.

Como se trata de um dicionário que procura, antes de tudo, o vocabulário básico, conviria, S.M.J., não registrar o termo na próxima edição.

Leather shoes

“Sapatos de cadebal” (Port.), “sapatos de couro” (Bras.).

▲ Na tradução portuguesa do romance *The Plot*, de Irwing Wallace, aparece este exemplo: “O mundo de Lisa era um rodopiante caleidoscópio de calças justas de *nylon*, cor de laranja, um império de carpetes e saias cor-de-rosa (...), conjuntos de fazenda castanha, vestidos

de passeio com vidrilhos, pulseiras encantadoras, malas e *sapatos de cadebal*.” (60, p. 178).

Na mesma obra e no mesmo volume, há outros exemplos, relacionados, porém, com sandália (p. 100), bolsa (p. 102) e cinto (p. 103).

Em Augusto Abelaira, encontramos *de cadebal* e *de coirão* aplicados a uma mesma saia: “Presente por baixo da frieza da saia *de cadebal* de Ana Isa o volume das ligas.” (4, p. 204) — “Osório observou-a um instante, observou-lhe a saia preta *de coiro*, a camisola preta.” (4, p. 161)

Left-winger

Em linguagem esportiva, jogador de futebol que ocupa a extremidade esquerda da linha dianteira: “Extremo-esquerdo” (Port.), “ponta-esquerda” (Bras.).

▲ Além de *ponta-esquerda*, dizemos *extrema-esquerda*.

Sinônimo de *left-winger*: *outside left*.

Lift

“Boléia” (Port.), “carona” (Bras.).

▲ Exemplificamos com Fernando Namora e Mário Dionísio, na devida ordem: “Era um sol danado, caminhadas que nunca mais acabavam. E eles subiam. Ninguém ia desprezar uma *boléia*.” (36, p. 161) — “Se calhar veio com ele, é quase certo, aproveitou a *boléia*, devem ter parado pelo caminho, na bomba de gasolina.” (18, p. 13)

Embora com baixa frequência, encontramos *boléia* como “carona (exclusiva de caminhão)”, entre São Paulo e Minas Gerais.

V. *thumb a ride*.

Lorry

“Camião” (Port.), “caminhão” (Bras.).

▲ Documentamos o uso: “(...) o rascante deslizar do *camião* do lixo rua abaixo, o eco metálico das latas projetadas de encontro aos passeios...” (Fernanda Botelho, 8, p. 17)

Compare com: *camion* (fr.), *camión* (esp.).

V. *truck*.

Lottery

“Lotaria” (Port.), “loteria” (Bras.).

▲ Faure da Rosa, em *O Massacre*: “A política, como a *lotaria*, aproveita aos outros.” (46, p. 13)

Variantes sufixais: *-aria* / *-eria*, como: *carroçaria* / *carroceria*; *lavandaria* / *lavanderia*; *leitaria* / *leiteria*; *selvageria* / *selvageria*...

Compare com: *lotteria* (it.), *lotterie* (fr.), *lotería* (esp.).

Lottery-ticket seller

“Cauteleiro” (Port.), “bilheteiro”, “cambista” (Bras.).

▲ Exemplo de Urbano Tavares Rodrigues: “A chuva parou. No passeio atropelam-se os basbaques, os ardinhas, os *cauteleiros* e os tradicionais vendedores de canetas, relógios e camisas-de-vênus, que se parecem todos uns com os outros, subalimentados, mas insinuativos, amarelentos, de queixo caprino, dentes enegrecidos.” (43, p. 64)

Ao vendedor de bilhetes de loteria com ágio, costumamos chamar com mais frequência *bilheteiro*. *Cambista* é mais abrangente, pois engloba, em geral, dois tipos de vendedores: o que, pelas ruas, vende bilhetes de loteria e o que, à porta das casas de diversão (cinema, teatro, estádio, etc.), vende ingressos. A tendência, hoje, é marcar essa diferença com termos diferentes: *bilheteiro* (bilhetes de loteria); *cambista* (ingressos para casas de espetáculos).

Lounge-suit

“Fato de passeio” (Port.), “traje de passeio” (Bras.).

▲ Exemplos com a tradução de *The Plot*, de Irving Wallace: “Que peguem nas duas malas maiores, as de couro castanho, e lhes metam dentro três fatos, um antes quatro, dois de noite e dois de passeio.” (60, p. 212)

V. *suit*.

Magnet

“Íman” (Port.), “imã” (Bras.).

▲ Documentamos o uso português: “Tu que atraías. como se tivesses íman, os toiros tresmalhados da Devesa com o teu absurdo, ridículo, querido, imenso guarda-chuva preto, que te servia de chapéu-de-sol.” (Urbano Tavares Rodrigues, 44, p. 16)

Quanto ao plural, convém observar: *ímanes* (Port.), *imãs* (Bras.). Lembre-se também: *hímen/hímenes*; *hífen/hífenes* (Port.); *himen/himenes*; *hífen/hífens* (Bras.).

Compare com: *imán* (esp.) e *aimant* (fr.).

Mayor

“Presidente da Câmara Municipal” (Port.), “prefeito” (Bras.).

▲ Exemplo de Armando Antunes da Silva, em *Suão*: “Abominava a política, mas entretinha-se com os políticos, e nas assembléias, ao tomar a palavra, defendia, obviamente, o Sistema. Porém, convidaram-no para *presidente da câmara*, mas não aceitou.” (48, p. 164)

Compare com: *Bürgermeister* (al.; = burgomestre) ou com *maire* (fr.), “premier magistrat de la commune (= chefe da administração municipal).

V. *city hall, provost*.

Menu

“Ementa”, “lista” (Port.), “cardápio” (Bras.).

▲ Na tradução portuguesa do romance *The Chapman Report*, de Irving Wallace, aparecem as duas designações: “Repentinamente ambos tiveram consciência de que não estavam sós, o restaurante fervilhava de gente. Kathleen percorreu a *ementa* cuidadosamente, escolhendo o que lhe pareceu que ele esperaria que fosse do seu gosto.” (61, p. 404) — “Depois ligou para a senhora Symonds recomendando-lhe que incluísse na *ementa* a bola, retirando da *lista* as carnes frias.” (61, p. 533)

A par de *ementa* e *lista*, ainda ocorre em Portugal *menu*: “Rita tem o frango já limpo fora do frigorífico, a lata de ervilhas ao lado e sabe que ela viu tudo sobre a mesa da cozinha. Já impôs o *menu* do jantar, quer conversa.” (Marta de Lima, 26, p. 86)

Miss

“(Jovem) menina (Port.), “senhorita”, “senhorinha” (Bras.) / “(Título) senhora (dona), “menina” (Port.), “senhorita” (Bras.).

▲ No primeiro caso, teríamos exemplos deste tipo: “M. Mary Smith” = “A menina Maria Smith” (Port.), “A senhora Maria Smith” (Bras.). No segundo caso, como forma de tratamento: “How are you, Mrs. Martin?” = “Como está, dona (ou senhora) Martin?” (Port.). Entre nós, diríamos da mesma maneira, por se tratar de senhora casada. *Mrs.*, aí, está por *mistress* “senhora”.

Convém observar que, sem levar em conta o estado civil ou a idade da pessoa, também empregamos, por respeito ou cerimônia, *senhora*.

Quanto a *senhorita*, deve-se dizer, sem demarcar com rigor a idade, que é tratamento dado, em geral, às mulheres solteiras.

Considere este exemplo da escritora portuguesa Marta de Lima, em que aparece uma mulher solteira, mas quarentona: "Nessa tarde esquecerias a *rapariga-velha* que te entrara no gabinete." (26, p. 80)

No Brasil, o escultor baiano Oswaldy la Fuente deu a uma de suas obras, onde figuravam beatas de idade e solteiras, o nome de *moças-velhas*.

Entre *senhorita* e *senhorinha*, é preferível ficar com o primeiro, já que o último vai caindo em desuso.

Mouse

"Rato" (Port.), "camundongo" (Bras.).

▲ Usamos os dois termos: o primeiro é mais abrangente que o segundo. O *camundongo* é o *ratinho* pro excelência: tem aproximadamente 90 mm de corpo e 90 mm de cauda.

Lembre-se, aqui, o antropomorfizado Mickey Mouse, que o cinema e as histórias em quadrinhos notabilizaram.

Em Portugal, ao menos em Lisboa, chamam ao nosso *camundongo* "ratinho" ou "murganho", como já o comprovava Visconde de Taunay, em 1921 (54, p. 67), e o reafirmam José Rodrigues Miguéis, no conto "O Viajante Clandestino": "Pequeno como um *murganho*, a tremer de medo e frio na fatiota leve, à espera da sentença." (32, p. 49) e Fernanda Botelho, no romance *O Ângulo Raso*; *O ratinho*, ao lado, ergueu a cabeça em ar de desafio, e mostrou-se inteiro, numa pequenina ira de animal ferido na sua susceptibilidade." (10, p. 212).

Ao lado de *camundongo*, acrescenta-se *ratinho*.

Night-dress

"Camisa de dormir" (Port.), "camicola" (Bras.).

▲ Na tradução portuguesa do romance *The Chapman Report*, de Irving Wallace, aparece, ora *camisa de dormir*, ora *camisa de noite*: "Costumo deitar-me em *camisa de dormir*." (61, p. 333) — "Mary Ewing McManus estava sentada na cama desfeita, com as longas e finas pernas escondidas sob a *camisa de noite* de seda azul." (61, p. 43)

Compare com o espanhol *camisa de noche* ou com o francês *chemise de nuit* ou *robe à dormir*.

V. *vest*.

Omnibus

"Autocarro" (Port.), "ônibus" (Bras.).

▲ Exemplos de Urbano Tavares Rodrigues e Augusto Abelaira, respectivamente: "Numa paragem, defronte de Vitor, aglomerava-se muita gente, à espera do *autocarro*." (41, p. 100) — "O *autocarro* começava a afrouxar, aproximando-se da paragem." (5, p. 189)

V. *bus*.

One way street

"Rua de sentido único" (Port.), "rua de mão única" (Bras.).

▲ No Brasil, usamos tanto *sentido* quanto *mão*, na acepção de "direção do trânsito nas ruas e estradas".

Documentamos o uso português com exemplo extraído da tradução do romance *The Plot*, de Irving Wallace: "Agora, na sua frente, havia mais barreiras e polícias, desviando o trânsito do Palais Rose para uma *rua de sentido único*." (60, p. 313)

Compare com: *rue à sens unique* (fr.), *via da senso único* (it.), *Einbahnstrasse* (al.; = rua de direção única).

Overalls

“Fato-macaco” (Port.), “macacão” (Bras.).

▲ Alguns exemplos: “Vestem fatos-macacos sujos de óleo. No amplo bolso traseiro dum desses fatos espreita uma chave-inglesa. Os mecânicos riem com saúde.” (Altino M. do Tojal, 56, p. 38) — “Limpou rapidamente a garrafa com um pano que trazia no bolso do fato-macaco.” (61, p. 70) — “Um criado, a um canto, desabotoava o casaco branco do uniforme e viu um mexicano de fato-macaco que entrava com uma vasoura na mão.” (61, p. 455)

Com elipse do determinado: “Até que um dia, depois de olhar em roda, não andasse alguém a espiá-lo, abaixou-se, ajuntou os bagos com a mão, num montículo, e encheu com eles um bolso do macaco.” (José Rodrigues Miguéis, “Arroz do Céu”, 32, p. 70)

Overcoat

“Sobretudo” (Port.), “paletó” (Bras.).

▲ *Paletó*, para nós, traduz *coat*, não *overcoat*. É que, ao contrário do *sobretudo*, que é um casaco longo, o *paletó* é um casaco curto, cujo comprimento não vai além dos quadris.

Pedestrian

“Peão” (Port.), “pedestre” (Bras.).

▲ Exemplo de Agustina Bessa Luís: “Fuma-se um outro cigarro que se não termina, que se consome nos lábios enquanto se arranca outra vez, se pula, se medem as distâncias, se insulta o condutor vizinho, o *peão* retardatário.” (29, p.

153) Outro, extraído da tradução portuguesa de um romance de Irving Wallace: “Desafiando a lei, buzinas irritadas beravam em uníssono à retaguarda. Rapidamente Brennan pagou ao motorista e correu para o passeio, indo cair num turbilhão de *peões* apressados que se empurravam e trocavam cotoveladas à medida que procuravam alcançar o Palais Rose.” (60, p. 313)

Compare com: *piéton* (fr.), *pedone* (it.), *peón* (esp.).

Pickpocket

“Carteirista” (Port.), “batedor de carteiras” (Bras.).

▲ Também dizemos, na gíria: *punguista*.

Documentamos o uso português com Augusto Abelaira: “E os quatro, a senhora, o rapaz, o polícia, abriram caminho por entre a multidão. Um *carteirista*?” (1, p. 141)

Pincers

Espécie de tenaz ou alicate: “Turquês” (Port.), “torquês” (Bras.).

▲ Diferença semelhante a outras, como: *ortiga* (Port.), *urtiga* (Bras.); *húmido* (Port.), *úmido* (Bras.), que ainda persistem, à espera de uma solução interacadêmica.

Plumber

“Canalizador” (Port.), “bombeiro”, “encanador” (Bras.).

▲ Aparece na tradução portuguesa dos *Contos Escolhidos*, de Guy de Maupassant: “Em volta dele, as testemunhas principais. a senhora Flamèche, viúva da vítima e os chamados Luís Ladureau, operário marceneiro, e João Durdent, *canalizador*.” (31, p. 301) Ou nas

Gaivotas em Terra, de David Mourão-Ferreira: “À ilharga da “dona” Augusta, o vulto de um rapazola magro, de fato-macaco, com uma caixa de folha suspensa do ombro. — Aqui lhe trago o canalizador!” (19, p. 202)

Police-station

“Esquadra de polícia” (Port.), “delegacia de polícia” (Bras.).

▲ Exemplo de Urbano Tavares Rodrigues, em *A Porta dos Limites*: “Chegaram à esquina da Rue des Chapeliers, onde havia justamente, num pequeno largo, uma *esquadra de polícia*.” (41, p. 93)

Sem o determinante: “Dirigimo-nos a pé para a *esquadra* do bairro, eu com o coração a pulsar penosamente.” (José Rodrigues Miguéis, “O Anel de Contrabando”, 32, p. 134)

Provost

“Presidente da câmara municipal” (Port.), “prefeito” (Bras.).

▲ Exemplificamos com Mário Ventura: “Morgado é o *presidente da Câmara*, comandante do Porto e da Brigada e grande proprietário no concelho.” (58, p. 31)

V. mayor, city hall.

Railway

“Caminho de ferro” (Port.), “estrada de ferro” (Bras.).

▲ Exemplo de Armando Antunes da Silva: “Quem lhe mandara a ele trazer para casa a ambiciosa filha de um agulheiro dos caminhos de ferro, gente que não paga bilhete para viajar e conhece todo o feito do Mundo, acostumada ao movimento das vilas?” (48, p. 11)

Compare com: *chemin de fer* (fr.).

Raven

“Corvo” (Port.), “urubu” (Bras.).

▲ Disse Eça de Queirós a Bilac: “Vós, no Brasil, possuíis a arte subtil de cunhar vocábulos, que são por vezes visuais. *Urubu!* por exemplo. Isto é negro, de arrepiar. Que palavra preta!” (15, p. 125)

No quadro da literatura amazônica, avulta a obra de Ferreira de Castro — *A Selva* —, que procura ser fiel à paisagem brasileira e aos nomes de aves e animais daqui. Nela encontramos, em vez do corvo, o urubu: “À superfície reluzia, agora, a escama dos cadáveres e, no céu, os *urubus* iam riscando os seus adejos sombrios.” (14, p. 138)

As duas formas ocorrem no Brasil.

Ready-made Suit

“Fato feito” (Port.), “terno feito” (Bras.).

▲ *V. Suit.*

Record-player

“Gira-discos” (Port.), “toca-discos” (Bras.).

▲ Vergílio Ferreira, em *Alegria Breve*: “Armo o *gira-discos*, abro as janelas e saio.” (21, p. 8)

Paralelamente a “gira-discos”, Fernanda Botelho usa *pick-up*: “Retira o disco do *pick-up*, alisa-o com a escova.” (11, p. 146) — “Antónia isola-se numa poltrona perto do *gira-discos*.” (11, p. 49)

Ao lado de *toca-discos*, ocorre, entre nós, menos frequentemente: *pick-up*, que já pode ser aportuguesado e dicionarizado: *picape*.

Observe-se, de passagem, a evolução semântica, determinada por metonímia: *picape*, de “dispositivo eletromagnético que nos toca-discos transforma as vibra-

ções mecânicas da agulha em vibrações elétricas”, passa a designar o próprio *toca-discos*.

Compare com: *tourne-disques* (fr.), *tocadiscos* (esp.).

Refrigerator

“Frigorífico” (Port.), “geladeira” (Bras.).

▲ Usamos os dois termos, mas costumamos distingui-los: *frigorífico* “compartimento de temperatura mantida artificialmente baixa, para armazenamento e conservação de gêneros perecíveis”; *geladeira* “móvel termicamente isolado, que encerra uma máquina frigorífica destinada a manter o seu interior em baixa temperatura.”

Como sinônimo de *geladeira*, ocorre, entre nós, embora com menos frequência, *refrigerador*.

Documentamos o uso português: “Já pus o pacote de leite no *frigorífico*. A menina viu?” (Fernanda Botelho, 11, 146) — “Rita tem o frango já limpo fora do *frigorífico*, a lata de ervilhas ao lado e sabe que ela viu tudo sobre a mesa da cozinha.” (Marta de Lima, 26, p. 86)

Relay-race

“Corrida de estafetas” (Port.), “corrida de revezamento” (Bras.).

▲ No posfácio de *Quatro Paredes Nuas*, de Augusto Abelaira, vem este exemplo: “Não haveria entre todos eles (os contos reunidos), como nas *corridas de estafetas*, um testemunho que ia passando de mão em mão da primeira à última página, da primeira à última palavra, da linha de partida até à meta?” (1, p. 199)

Retail

“(Venda) a retalho” (Port.), “(venda) a varejo” (Bras.).

▲ Augusto Moreno, no verbete “carniceiro”: “Aquele que mata reses para as vender *a retalho*.” (35, p. 275)

Ao vendedor (*retailer*): *retalheiro* ou *retalhista* (Port.), varejista (Bras.).

Rock

Nome dado ao açúcar cristalizado: “Candi.. (Port.), “cande” (Bras.).

▲ Em Portugal e no Brasil, registram-se ambas as formas. Conviria, a exemplo do espanhol, fixar uma das grafias: *cande*, que possibilitaria, ao menos, as duas pronúncias.

Compare ainda com o próprio inglês — *candy-sugar* — e com o francês — *sucre candi*.

Sandwich

“A sanduiche” (Port.), “o sanduíche (Bras.).

▲ Exemplos que documentam o uso português: “O pai alto, seco, de rosto vermelhusco enquadrado por suíças brancas, autêntica *sanduiche*, viva, fatia de presunto cortada em forma de cabeça humana entre duas almofadinhas de pelos”. (31, p.40) — “Todos acabaram de comer *as sanduiches* que Benita lhes trouxera.” (61, p. 290) — “Mimi passa com o tabuleiro *das sanduiches*.” (Fernanda Botelho, 11, p. 51)

Preferência genérica, dentro de duas normas-padrão. Compare com *carpete* (*carpet*), masculino no Brasil, feminino em Portugal, como se vê em Urbano Tavares Rodrigues: “Mari-Paz pensava, comparava, recordava-se dos pais com saudade, li até ao enjôo, detestava *a carpete* vermelha do quarto, aquela estreiteza obrigatória e constante.” (45, p.53-4)

Santa Claus

“Pai-Natal” (Port.), “Papai-Noel” (Bras.).

▲ Exemplo de Fernanda Botelho: "Pois bem! Samuel estava de acordo, embora se afeioasse à idéia com a mesma fé com que uma criança iniciada crê no *Pai Natal*." (10, p. 72)

Compare ambas as designações com o francês *Père Noel*" (= Pai Natal) ou com o hispano-americano *Papá Noel*.

José Rodrigues Miguéis, em "O Viajante Clandestino", emprega "Santa Klaus" (32, p.38)

Scholarship holder

"Bolsheiro" (Port.), "bolsista" (Bras.).

▲ Mário-Henrique Leiria, em *Contos do Gin-Tonic*: "O babélico é assim. E é assim porque não é um turista, não é um emigrante, não é um *bolsheiro* da Gulbenkian." (25, p. 68)

Diferença morfológica entre duas normas-padrão, comparável a *ficheiro* / *fichário* (v. *card-index*), *fogueiro*/*foguista* (v. *stoker*), *financeiro*/*financista* (v. *financier*).

Compare com o francês *boursier*.

Scouting

"Escutismo" (Port.), "escoteirismo" (Bras.)

▲ Empregamos *escotismo* (*escote* por *scout* + *ismo*) e *escoteirismo* (*escoteiro* + *ismo*).

Compare-se com: *scoutisme* (fr.).

Varia o critério de aportuguesamento.

V. *boy scout*.

Seventeen

"Dezassete" (Port.), "dezessete" (Bras.)

▲ Estamos diante de duas normas-padrão, a portuguesa e a brasileira: uma

prefere a conjunção *a*, outra a conjunção *e*. Assim também em: *dezasseis* e *dezanove* a par de *dezesseis* e *dezenove*.

Documentamos com Vergílio Ferreira: "A filha do Vedor serve à mesa. *Dezassete* anos? dezoito. Parece louca". (21, p. 99)

Sink

"Lava-louça" (Port.), "pia (de cozinha)" (Bras.)

▲ Augusto Abelaira, em *Os Desertores*: "Além do fogão, do armário e do *lava-louças* (tudo com um aspecto bastante sujo), havia ali três bancos e uma pequena mesa de passar a ferro". (5, p.69)

Em outra obra do mesmo Autor vem a variante *lava-loiça* (*Enseada Amena*, 4, p. 52).

Skating

"Patinagem" (Port.), "patinação" (Bras.).

▲ No Almanaque Bertrand de 1969: "Jogos Olímpicos de Grenoble: três vencedoras da prova de patinagem artística. Ao centro, a norte-americana Peggy Fleming, medalha de ouro". (Lisboa, Bertrand, p. 208)

Duas normas dentro do mesmo sistema: varia apenas a seleção sufixal.

Compare com: *patinage* (fr.), *patinaje* (esp.), *pattinaggio* (it.).

Skittles

Jogo com nove paus, em forma de garrafas, e uma bola de madeira ou de outro material pesado: "Jogo dos paus" (Port.), "boliche" (Bras.)

Skittle, usado no lural, como acima sononimiza com *ninepins*.

Compare com o espanhol platino *boliche*.

Sleeper

Vagão de tem provido de camas ou beliches: “Carruagem-cama” (Port.), “carro-dormitório” (Bras.).

▲ Dizemos também: *vagão-dormitório* (28, p. 246) *vagão-leito e carro-leito* (cp.: ônibus-leito).

Carruagem, carro e vagão, aí, se equivalem: “veículo ferroviário destinado ao transporte de passageiros.”

O sinônimo *sleeping car(riagem)*, embora menos sintético, é mais explícito e abrange ambas as traduções: *carro* ou *carruagem de dormir*.

Sling

“Fisga” (Port.), “estilingue” (Bras.)

▲ De *fisga* conhecemos apenas os sentidos que também são comuns a Portugal e Espanha (1. arpão para pescar; 2. fenda).

Baltasar Lopes da Silva, ao verbetar *forquilha*, em seu estudo sobre *O Dialeto Crioulo de Cabo Verde*, dá-lhe por sinônimo *fisga*: “Tem esta designação o instrumento em forma de Y, a que se prendem dois fios de matéria elástica e com que os garotos atiram pedras pequenas. Corresponde à *fisga* das crianças da Metrópole.” (49, p. 284)

Um exemplo de José Rodrigues Miguel, em “Natal Branco”: “Trepava ao raminho mais alto dum carvalho, a gente cá de baixo, com uma corda, puxávamos a perna até ao chão, largávamo-la como uma *fisga*, e ele aí vai por ares e ventos! Ía cair da outra banda do riacho, como um gato montês, e nunca se trilhava!” (32, p. 58)

Outro de Fernanda Botelho: “Crescei e aparecei! Ide pentear macacos ou brincar de roda ou atirar *fisgas* aos pássaros — negócios de crianças que ainda sois!” (9, p.96)

Quanto a *estilingue*, concorre, entre nós, com outros sinônimos, embora menos frequentes: *bodoque, baladeira, atiradeira*...

Afonso d’E. Taunay, sem cogitar de étimo, registra-o, em 1914 (53, s.v.): “*Estilingue*, s.m. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos.”

Tal instrumento deve ter chegado ao Brasil com o nome de *sling* e logo adaptado, aportuguesado, como *estilingue*. A princípio, talvez se dissesse — *eslingue* — com vogais de apoio; depois, graças ao cruzamento com *esticar: estilingue*. A idéia de “esticar”, temo-la, por exemplo, em *estilingue* na acepção de “carne de má qualidade”, na gíria militar (cf. Manuel Viotti, 59, s.v.).

Slum

“Bairro pobre”, “casa pobre” (Port.), “favela”, “cortiço” (Bras.).

▲ Como a idéia é de “conjunto de habitações toscamente construídas e desprovidas, geralmente, de recursos higiênicos”, pode-se suprimir “casa pobre”.

Quanto a “bairro pobre”, não diz tanto, especialmente se comparado a *favela*, quanto “bairro de lata”, como vemos em Fernanda Botelho: “Nessa noite, por exemplo, vibrei a um fio caprichosamente esticado, pois, num qualquer *bairro de lata*, algures nos arredores de Lisboa, vem ao mundo um indivíduo do sexo feminino, que será registrado com o nome de Maria da Luz.” (8, p. 132) ou, ainda, “bairro da miséria”, encontrado em Urbano Tavares Rodrigues: “Apenas a cidade da maioria, com os seus tipos e os seus tiques, os seus tons particulares, os seus pregões, e alguns traços mais significativos e actuais ou mais trágicos e

proféticos, desde a emigração económica à infância impura e humilhada, ao *bairro da miséria*, onde uma espécie de vento secreto (porventura mais voluntário, ou romântico, do que dialecticamente de acordo com as suas circunstâncias) vem como que dizer que na roleta nem sempre sai a mesma cor.” (43, p. 13)

Por influência do Português do Brasil, aparece *favela*, ao lado de *slum*, em José Rodrigues Miguéis: “Conhecia as estradas onde só há lugar para automóveis, as vias férreas que se desdobram ao infinito, eternamente convergindo para divergir de novo, as cidades cancerosas, as fábricas ciclópicas, os silos e armazéns, o negrume das favelas (. . .)” (32, p. 113) — “Lá fora a neve, a neve festiva que adorna e purifica o negrume dos *slums* da cidade, recomeça a cair...” (32, p. 64)

Slum corresponde também ao inglês *shanty-town* e a estas outras designações: *villa miseria* (Argentina), *bidonville* (França), *tugurios* (Bolívia), *campamiento* (Guatemala), *champas* (Guatemala), *cantegrill* (Uruguai), *barriada* (Peru), *courts* (Haiti), *callampa* (Chile).

Por empréstimo, os franceses também usam o nosso *favela*: *favelle*.

Smoke

“Fumo” (Port.), “fumaça” (Bras.).

▲ Em *Maravilhas do Conto Português*, há estes exemplos: “Como que saindo da névoa do “fumo” do tabaco que enche o Café, André Juliano surge do outro lado da mesa.” (Manuel da Fonseca, 23, p. 282) — “Manuel Pinto pôs-se a assoprar o tição, a cara desviada para o lado porque o *fumo* da lenha resinosa lhe fazia chorar os olhos.” (José Cardoso Pires, 40, p. 303) — “O *fumo* tinha quase desaparecido. Com o vento amainado, apenas uma lânguida nuvem se condensara sobre o telhado.” (Fernando Namora, 37, p. 294)

Fumaça, entre os portugueses, corresponde à nossa *tragada*. Veja-se este exemplo de Luís de Sttau Monteiro, onde aparecem *fumaça* e *fumo*: “A pergunta é feita a um homem baixo e magro que fuma um cigarro enrolado à mão e que tira uma *fumaça* antes de responder. Expira o *fumo* lentamente, olhando para a rua.” (34, p. 86)

Chamamos *fumo*, no Brasil, ao que em Portugal costuma chamar-se *tabaco* (*tobacco*): “Ao abraçá-la, com convencional requinte, ela aspirou, deliciada, o aroma pesado do fato dele — uma mistura subtil de *tabaco* entranhado e de fazenda nova.” (Fernanda Botelho, 10, pp. 124-5) — “O ex-aluno acendeu um fósforo, para espertar o *tabaco* do cachimbo.” (10, p. 80) — “Continuou aspirando o cachimbo, até que o *tabaco* ficasse rubro.” (10, p. 145) — “O cabelo e a barba cor de *tabaco*.” (José Rodrigues Miguéis, 32, p. 101)

Embora não desconheçamos *tabaco* nem *tabacaria*, dizemos com mais frequência: *fumo* (= *tobacco*) e *charutaria* (= *tobacconist's* (shop) ou, como nos Estados Unidos: *cigar-store*).

Smoker

“Fumador” (Port.), “fumante” (Bras.).

▲ Exemplificamos com Augusto Abelaira e José Rodrigues Miguéis, respectivamente: “Pedi-lhe fósforos porque não sei acender um cigarro quando está vento. — Sim, os *fumadores* experimentados sabem . . . Fazem uma concha com as mãos.” (1, p. 24) — “Varria milhões de pontas de cigarros, na maioria quase intactos, de *fumadores impacientes*.” (32, p. 68)

A diferença está na seleção sufixal.

Compare com: *fumador* (esp.), *fumatore* (it.), *fumeur* (fr.).

Snob

“Snobe” (Port.), “esnobe” (Bras.).

▲ Essa diferença fonética e gráfica, observada na representação da forma aportuguesada, pode ser documentada em Urbano Tavares Rodrigues: “Diz apenas lentamente, numa entonação aprendida, levemente *snobe*, mas com calor: — Tás bom? Estava tão longe de imaginar . . .” (43, p. 24)

A exemplo do português, o francês, que, normalmente, não tem »sn« em início de palavra, aceitou não só *snob* (cf.: *Snober, snobisme, snobinard, snobinarde, snobette, snobinette*) como vai aceitando, por exemplo, *snack*, por abreviação de *snack-bar*: “café-restaurant moderne ou l’on sert des plats rapidement.”

Ao contrário de portugueses e franceses, costumamos anexar um *e* ao *s* inicial (prótese).

Compare ainda: *standardizado* (Port.), *estandardizado* (Bras.).

Sock

“Peúga” (Port.), “meia (de homem)” (Bras.).

▲ Um exemplo de Agustina Bessa-Luís: “O essencial sempre lhes caíra na arca e na masseira, e, embora andassem com côdea de lixo e usassem umas *peúgas* até apodrecerem nos pés, havia neles esse juízo dos sentimentos, essa quase bizantinismo das atitudes que são próprias das gentes livres.” (29, p. 125) Outro de Fernanda Botelho: “Herdava as *peúgas* e as gravatas do meu padrinho.” (8, p. 85)

Embora com pouca frequência, também se usa em Portugal, *meia* (*man's sock*).

Spearmint

“Pastilha elástica” (Port.), “goma de mascar” (Bras.).

▲ V. *chewing-gum*.

Speedometer

Instrumento indicador da velocidade de deslocamento de um veículo: “Conta-quilômetros” (Port.), “velocímetro” (Bras.).

▲ Os portugueses usam ambos os termos, a exemplo dos espanhóis (*cuenta-kilómetros, velocímetro*), embora *conta-quilómetros* seja mais freqüente.

Começam a figurar, a partir de 1936, na quinta edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de FIGUEIREDO (22).

Exemplo de Augusto Abelaira: “Um olhar para o *conta-quilómetros* da motocicleta: 120/130.” (3, p. 83)

Sport

“Desporto” (Port.), “esporte” (Bras.).

▲ Embora se encontrem as duas formas entre nós, a mais freqüente é *esporte* (cf.: *esportismo, esportista, esportivo* . . .).

Sportsman

“Desportista” (Port.), “esportista” (Bras.).

▲ V. *sport*.

Spree

“Bródio”, “pândega” (Port.), “farra” (Bras.).

▲ Embora não nos sejam estranhas as traduções propostas para Portugal, usamos, de fato, com mais freqüência *farra*, que, conforme o contexto, pode ter, do ponto de vista moral, sentido positivo ou negativo, como neste exemplo da

tradução portuguesa do romance *The Plot*, de Irving Wallace: “Houve bebidas e cigarros em abundância e, pouco a pouco, os homens mais velhos e as jovens despiram-se uns aos outros, e Paddy, divertido, insistia com Medora para que se associasse à *pândega*.” (60, p. 122)

Still-born

Aquele que nasceu morto: “Nado-morto” (Port.), “natimorto” (Bras.).

▲ Sobressai a preferência lexical: *nado* / *nato*.

Em Portugal, como aqui, diz-se também: *morto de nascença*. O exemplo que encontramos em Augusto Abelaira envolve conotação: “Os outros, os homens vulgares, que ao morrer prescindiam dos serviços dele, desprezava-os, considerava-os *mortos de nascença*.” (1, p. 108)

Compare com: *mort-né* (fr.), *nascido muerto* (esp.).

Stoker

Encarregado das fornalhas das máquinas a vapor: “Fogueiro” (Port.), “foguista” (Bras.).

▲ Exemplo de José Cardoso Pires: “Aos encontrões, achou-se diante da caldeira grande, estendeu o pescoço a espreitar: na clareira que se fizera ao pé das fornalhas, o *fogueiro* e um servente amparavam um corpo enrodilhado.” (40, p. 205)

Compare com: *bolseiro* / *bolsista* (v. *scholarship*), *financeiro* / *financista* (v. *financier*).

Suit

“Fato” (Port.), “terno” (Bras.).

▲ Exemplo de Fernando Namora: “Sacudiu o *fato*, como se quisesse purificar-se do ranço do nosso ambiente burguês e os seus gestos procuraram ainda uma violência.” (36, p. 163)

V. *lounge-suit*.

Swimsuit

“Fato de banho” (Port.), “traje de banho” (Bras.).

▲ V. *bathing-costume*.

Tailor-made (suit)

Com referência a terno de roupa mandado fazer: “(Feito) por medida” (Port.), “(feito) sob medida” (Bras.).

▲ *Por medida* aparece também com relação a calçados, camisas, etc.: “As camisas feitas têm geralmente as mangas muito curtas para mim. Prefiro mandá-las fazer *por medida*.” (13, p. 72) — “Feitos (os sapatos) *por medida*, tinham saído cor de morango — nenhuma menina digna desse nome em Almendra os usaria.” (26, p. 62) — “Fazem-se cintas *por medida*.” (47, p. 75)

Compare com: (*hecho a la medida*; (*hecho*) *de encargo* (esp.), (*fait*) *sur mesure* (fr.; = na medida).

Take off

“Descolar” (Port.), “decolar” (Bras.).

▲ Exemplo Urbano Tavares Rodrigues. “Um avião *descolando*, mais um. E outro a carregar gente, de barriga aberta, na pista, uma escada rolante encostada ao seu ventre niquelado.” (42, p. 176)

Seleção prefixal semelhante a: *desflorar* / *deflorar*; *desbulhar* / *debulhar*. . .

Compare com: *décoller* (fr.) e *decollare* (it.).

Tennis-court

“Campo de tênis” (Port.), “quadra de tênis” (Bras.).

▲ No Brasil, usam-se ambas as designações, embora “quadra de tênis” seja

mais freqüente que "campo de tênis". *Campo* é mais abrangente que *quadra*: não se costuma, por exemplo, falar em quadra de futebol, mas de tênis, voleibol, basquetebol; mas se pode dizer: campo de tênis, voleibol, basquetebol.

Exemplificamos com a tradução portuguesa do romance *The Plot*, de Irving Wallace: "O mundo de Lisa era um Brueghel animado de bicicletas, *campos de tênis*, esqui aquático, luar e discos de jazz. (60, p. 178)

Thumb a ride

"Pedir uma boléia (Port.), "pedir uma carona" (Bras.).

▲ V lift.

Ticket-office

"Bilheteira" (Port.), "bilheteria" (Bras.).

▲ Exemplos de Marta de Lima e Fernanda Botelho, na devida ordem: "Atenciosos um com o outro, sorridentes — a superficial cortesia de quem não tem problemas em comum. Aproximavam-se da *bilheteira*, ele tirou a carteira do bolso." (26, p. 110) — "A rapariga, com dois bilhetes na mão, um dos quais destinado a alguém que não poderia comparecer, se afastara da *bilheteira* com uma expressão aborrecida." (10, p. 199-200)

Bilheteira, entre nós, é a mulher que vende bilhetes.

Toothpaste

"(Creme) dentífrico" (Port.), "(pasta) dentifricia" (Bras.).

▲ Ao lado do adjetivo, ocorre, ora *creme*, ora *pasta*, tanto no Brasil como em Portugal.

Segue-se exemplo extraído da tradução portuguesa do romance *The Chapman Report*, de Irving Wallace: "Já recebera convites para realizar películas para a televisão, mas recusara-se a colaborar num espetáculo corruptor sob o patrocínio de um cereal qualquer ou de uma *pasta dentifrica*." (61, p. 223)

Com mais freqüência que *creme* ou *pasta dentifricia*, usamos: *pasta* ou *creme dental*.

Train

"Comboio" (Port.), "trem" (Bras.).

▲ Os dois ocorrem no Brasil, embora *comboio* seja muito pouco usado, mesmo entre pessoas de idade ou do interior.

Exemplo de Agustina Bessa Luís: "Como o *comboio* apitou estridentemente, ela deu um gritinho, tapou com ambas as mãos os ouvidos." (29, p. 78)

Compare com: *train* (fr.), *treno* (it.), *tren* (esp.).

Trem, usado em Portugal, tem, geralmente, outros sentidos, como, por exemplo: 1) *carruagem*: "Espera. Vais apanhar frio lá fora. Vou chamar um *trem*." (31, p. 209) — "No *trem*, outras vezes no churrião, seguíamos nós, com a família, carregada de mantas; e, apesar do frio, disputávamos uns aos outros a boléia, para tomarmos as rédeas, à força de instâncias, das mãos complacentes do cocheiro." (Urbano Tavares Rodrigues, 41, p. 294). 2) *vagão*: "Lá vem o comboio! — ele encolhia-se contra a parede negra, onde escorriam águas de infiltração na estreita passagem de serviço. Até já tinha ajudado a recolher pedaços de cadáveres, de gente que se atirava para debaixo dos *trens*." (José Rodrigues Miguel, 32, p. 68)

Trem, com o sentido correspondente ao nosso *vagão*, tem por sinônimo em Portugal — *carruagem*: "Chegamos agora ao fim do corredor; estamos na cauda

da *carruagem*; e vê neste momento o começo de mais outra *carruagem*, para lá dos vidros que estão defronte de ti.” (David Mourão-Ferreira, 20, p. 84-5)

Tram

“(Carro) eléctrico” (Port.), “bonde” (Bras.).

▲ Em *Os Desertores*, de Augusto Abelaira: “Ramiro dispunha-se já a saltar para o *eléctrico* quando Jaime lhe perguntou: — E este ano?” (5, p. 135)

Ou: *carro eléctrico (tramcar)*: “Apontava-lhe os *carros eléctricos*, transportando multidões, cada vez mais aglomeradas, mais apertadas para que outras multidões entrassem.” (Fernanda Botelho, 10, p. 34)

Truck

“Camião” (Port.), “caminhão” (Bras.).

▲ V. lorry.

Underground railway

“Metro” (Port.), “metrô” (Bras.).

▲ Ocorrem, em Portugal, *metro* e *metropolitano*, como nestes exemplos. “Comboios chegam e partem, perpassam como fantasmas de comboios. Apeamos, descemos escadarias, subimos escadarias como no *metro*, há letreiros, setas indicadoras, azulejos, luzes, livros, magazines, bananas Fiffes, cervejas, chocolates, Zigaretten, muita gente a correr apressada.” (José Rodrigues Miguéis, 32, p. 181) — “Só de noite se atreve a sair a pé, sem ter de acotovelar-se com as buscadoras de autocarros, os viajantes do *metro*, os frequentadores das gares donde partem para todo o mundo aviões e comboios.” (Agustina Bessa Luís, 29, p. 153) — “Cheira a estábulo, a caserna, a enfermaria; a armazém de generos ali-

mentícios; a adega de vinho, a lagar de azeite; a igreja, a mercado, a cais de caminho de ferro, a túnel de *metropolitano*.” (David Mourão-Ferreira, 20, p. 180)

Urbano Tavares Rodrigues, em *Vida Perigosa*, usa a própria forma francesa: “As distâncias em Paris são grandes, perde-se tempo no “*métro*”. (45, p. 54)

Sinônimos. *tube* e, nos Estados Unidos, *subway*.

Vest

“Camisola” (Port.), “camiseta” ou “suéter” (Bras.).

▲ *Vest*, ao ser traduzido por *camisola*, em Portugal, pode estar revestindo duas acepções, a de *undershirt* e a de *sweater*, ou, como dizemos no Brasil: *camiseta* e *suéter*.

Como “camiseta”: “Abriu-se a porta da sala e um rapaz de *camisola* branca, em calções de ginástica, veio espreitá-lo.” (Urbano Tavares Rodrigues, 41, p. 226) — “Nos primeiros tempos, como não havia trabalho a fazer, não se comia senão salame e pão, e o professor não consentia privar-se, poucas horas que fosse, da sua *camisola* de marinheiro para ser lavada.” (Agustina Bessa Luís, 29, p. 147)

Como “suéter”: “A testa enrugada, e Ana Isa fixou-o, não lhe largou mais os olhos, avançou lentamente — muito morena, os cabelos negros, a *camisola* amarela, umas calças brancas que lhe alongavam as pernas, um lenço de seda enrolado na cintura.” (Augusto Abelaira, 1, p. 23)

A forma inglesa *sweater* aparece em Fernanda Botelho: “Cláudia, em *sweater* cor-de-rosa velho ou em blusão de camurça.” (10, p. 240)

À nossa *camisola* chamam os portugueses *camisa de dormir*, *camisa de noite* ou, quando o contexto ajuda, simplesmente *camisa*, como vemos em Marta Lima: É a casa deles, aquecida, tão boa, a cama aberta, o pijama dele a um lado, a

camisa dela a outro (Júlia farejou reconciliação, pôs a *camisa* dos laços, como lhe chama, é a sua preferida. “Foi a do casamento, não foi, minha senhora?” (26, p. 144-5)

V. *night-dress*.

Wake

Ato de velar, com outros, um defunto: “Vigília” (Port.), “velório” (Bras.).

▲ Ocorrem ambas as formas, tanto no Brasil como em Portugal. Observa-se, contudo, que *vigília* é mais abrangente, menos específico, que *velório*.

Temos encontrado, entre portugueses, *velório* e *velatório*: “Mas estávamos todos muito convencionais: era como se tivéssemos transportado o *velório*, lá de cima, da Morgue, para esta pastelaria do Rossio.” (David Mourão-Ferreira, 19, p. 15) — “Mas foi nas suas aulas de uma monotonia de *velório* que ela descobriu a inutilidade dos conceitos.” (Marta de Lima, 26, p. 95) — “Do fundo da alma viera a Jaime o desejo de reagir contra aquela conversa de *velatório*, um desejo de ser grosseiro, saudavelmente grosseiro.” (Augusto Abelaira, 5, p. 25)

Coteje com: *velatório* ou *velório* (esp.), *veillée funèbre* (fr.), *veglia mortuaria* (it).

CONCLUSÃO

Como conclusão, ainda que perfunctória, observamos que as diferenças mais significativas entre ambas as normas se assentam nestes itens:

1) *freqüência de uso*: *comparência/comparecimento* (v. *attendance*); *tolice/bobagem* (v. *bilge*); *mercado negro/câmbio negro* (v. *black-market*); *contabilista/contador* (v. *accountant*), etc.;

2) *semântica*: *trem* (v. *train*), *camisola* (v. *vest*), *banheiro* (v. *bath-room*), *fumo* (v. *smoke*), *fumaça* (v.

smoke), *frigorífico* (v. *refrigerator*), *ficheiro* (v. *card-index*), etc.;

3) *critérios de aportuguesamento*: *escuteiro/escoteiro* (v. *boy scout*), *golo* (pl.: *golos*) / *gol* (pl.: *gous*) (v. *goal*), *desporto* / *esporte* (v. *sport*), *metro* / *metrô* (v. *underground railway*);

4) *variantes adotadas*: *espargo/aspargo* (v. *asparagus*), *dezassete/dezessete* (v. *seventeen*), *por medida* / *sob medida* (v. *tailor-made suit*), *nado-morto/natimorto* (v. *still-born*), *camião/caminhão* (v. *lorry*), etc.

5) *morfologia*: a) *gênero*: *a/osanduiche* (v. *sandwich*); b) *número*: *imanes/imãs* (v. *magnet*); c) *classe nominal*: *chuto* / *chute* (v. *kick*); d) *prefixos*: *des-/de-*: *descolar/decolar* (v. *take off*); e) *suffixos*: *-eir(o/a)*, *cotejado* com *-ist(a)*, *-ári(o)*, *-erã(a)*, revela, embora sem exclusivismos, preferências mais ou menos marcadas: *bolseiro/bolsista* (v. *scholarship holder*), *fogueiro/foguista* (v. *stoker*), *financeiro/financista* (v. *financier*), *ficheiro/fichário* (v. *card-index*), *bilheteira/bilheteria* (v. *ticket-office*); *-ist(a)*, confrontado com *-eir(o/a)*, conforme exemplos acima, *-dor* (*desenhador/desenhista*) (v. *drawer*), *-e + -ant(e)*: *veraneante/veranista* (v. *holidaymaker*); ou, ainda, *-dor*, mais usado em Portugal, ao lado de: *-ant(e)*: *fumador/fumante* (v. *smoker*), *-ist(a)*: *desenhador/desenhista* (v. *drawer*), *-ão*: *guiador/guidão* (v. *handlebar*). Preferimos *-erã(a)* a: *-arã(a)* — *lotaria/loteria* (v. *lottery*) — e a *-eir(a)* — *bilheteira/bilheteria* (v. *ticket-office*);

6) *ortografia*: *etimologia*: *turquês/torquês* (v. *pincers*);

7) *inovações simultâneas*, devidas a criações neológicas, decalques ou empréstimos: *ementa/cardápio* (v. *menu*), *autocarro/ônibus* (v. *bus*), *hospedeira do ar/aeromoça* (v. *hostess*), *Pai-Natal/Papai-Noel* (v. *Santa Claus*), *caminho de ferro/ estrada de ferro* (v. *railway*), (carro) *eléctrico/bonde* (v.

tram), quarto de banho/banheiro (v. bath-room), corrida de estafetas/corrída de revezamento (v. relay-race), avançado-centro/centroavante (v. centre-forward), boquilha/piteira (v. cigarette holder), jogo dos paus/bolicho (v. skittles), camisola/suéter (v. vest), guiador/guidão (v. handlebar);

8) conservadorismo português, inovação brasileira: bairro pobre/favela (v. slum), engraxador/engraxate (v. boot-black), regulação/regulagem ou ajustagem (v. adjustment), pândega/farra (v. spree), rebordo do passeio/meio-fio (v. curb), marcar/discar (v. dial), algeroz

ou caleira/calha (v. gutter), murganho/camundongo (v. mouse), festim/churrasco (v. barbecue);

9) inovação portuguesa, conservadorismo brasileiro: cave/porão (v. basement), talho/açougue (v. butcher's shop), pastilha elástica/goma de mascar (v. chewing-gum), peão/pedestre (v. pedestrian), peúga/a (v. sock).

À medida que procedermos a novas pesquisas, sobretudo monográficas, e contarmos com a crítica desapaixionada de brasileiros e portugueses, conheceremos melhor as particularidades das normas luso-brasileiras.

RODRIGUES, E. The Portuguese language as spoken in Portugal and Brazil: some idiomatic usages. *Alfa*, São Paulo, 25:69-96, 1981.

ABSTRACT: In this article some differences — mainly lexical — between the Portuguese language as spoken in Portugal and Brazilian Portuguese are analysed, with basis on the Collins Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary.

KEY-WORDS: Lusitanization; Brazilian idioms; word-frequency; lusitanian idioms; morphology; orthography; linguistic norm; semantics; vocabulary.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABELAIRA, Augusto. *Quatro paredes nuas*. Lisboa, Bertrand, 1972.
2. _____. *Bolor*. 3.ed. Lisboa, Bertrand, 1974.
3. _____. *A cidade das flores*. Lisboa, Editores Associados, s.d.
4. _____. *Enseada amena*. 2.ed. Lisboa, Bertrand, 1971.
5. _____. *Os desertores*. 3.ed. Lisboa, Bertrand, 1971.
6. ANACLETO, Manuel I. *Dicionário da linguagem corrente de inglês-português*. Lisboa, Sá da Costa, 1956.
7. BOLÉO, Manuel de Paiva. O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos em português. *O Instituto*, Coimbra, 127, 1965. (Separata)
8. BOTELHO, Fernanda. *Lourenço é nome de jorgal*. Lisboa, Bertrand, 1971.
9. _____. *A gata e a fábula*. Lisboa, Bertrand, 1960.
10. _____. *O ângulo raso*. 2.ed. Lisboa, Bertrand, s.d.
11. _____. *Terra sem música*. Lisboa, Bertrand, 1969.
12. CAMUS, Albert. *A queda*. Trad. de José Terra. Lisboa, Edição Livros do Brasil, s.d.
13. CARDOSO, Ersílio. *Guia de conversação português-inglês*. 2.ed. Lisboa, Bertrand, 1971.
14. CASTRO, Ferreira de. *A selva*. São Paulo, Verbo, 1972.
15. CRUZ, Marques da. *Eça de Queirós: sua psique*. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
16. _____. *Português prático*. São Paulo, Rio de Janeiro, Weisflog, 1920.
17. DAUDET, Alphonse. *Daniel*. Lisboa, Portugalígia, s.d.
18. DIONÍSIO, Mário. *Não há morte nem princípio*. Lisboa, Europa-América, 1969.
19. FERREIRA, David Mourão. *Gaivotas em terra*. 5. ed. rev. Lisboa, Editores Associados, s.d.

20. ————. *Os amantes e outros contos*. 2.ed. Lisboa, Bertrand, 1974.
21. FERREIRA, Vergílio. *Alegria breve*. São Paulo, Verbo, 1972.
22. FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. 14. ed. Lisboa, Bertrand, s.d.
23. FONSECA, Manuel da. *O fogo e as cinzas*. In: *Maravilhas do conto português*. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1958.
24. GOMES, Soeiro Pereira. Um caso sem importância. In: *Maravilhas do conto português*. 2ed. São Paulo, Cultrix, 1958.
25. LEIRIA, Mário-Henrique. *Contos do gin- tonic*. Lisboa, Estampa, 1973.
26. LIMA, Marta de. *Um dia são dias*. Porto, Inova, 1969.
27. LISPECTOR, Clarice. Amor. In: ————. *Laços de família*. 9.ed. Rio de Janeiro, Olympio, 1978.
28. ————. *O lustre*. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
29. LUÍS, Agustina Bessa. *O sermão do fogo*. Lisboa, Bertrand, s.d.
30. MACHADO, Bosé Pedro. Influência arábica no vocabulário português. *Revista de Portugal*, Lisboa, 1, 1958.
31. MAUPASSANT, Guy de. *Contos escolhidos*. Trad. de Maria Helena da Costa Dias. Lisboa, Portugália, 1968.
32. MIGUÉIS, José Rodrigues. *Gente da terceira classe*. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.
33. MONTEIRO, Gomes & LEÃO, Costa. *A vida misteriosa das palavras*. Lisboa, Portugália, 1944.
34. MONTEIRO, Luís de Sttau. *Um homem não chora*. 5.ed. Lisboa, Ática, 1973.
35. MORENO, Augusto. *Dicionário complementar da língua portuguesa*. Porto, Ed. Educação Nacional, 1948:
36. NAMORA, Fernando. *Cidade solitária*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1972.
37. ————. Dias de vento. In: *Maravilhas do conto português*. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1958.
38. PIRES, José Cardoso. *O hóspede de Job*. 5.ed. Lisboa, Moraes, 1975.
39. ————. *Jogos de azar*, 4.ed. Lisboa, Moraes, 1975.
40. ————. Estrada 43. In: *Maravilhas do conto português*. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1958.
41. RODRIGUES, Urbano Tavares. *A porta dos limites*. 3.ed. Lisboa, Bertrand, 1969.
42. ————. *As aves da madrugada*. 3.ed. rev. Lisboa, Bertrand, 1970.
43. ————. *Despedidas de verão*. Lisboa, Bertrand, 1967.
44. ————. *Estrada de morrer*. Lisboa, Editores Associados, 1971.
45. ————. *vida perigosa*. 2.ed. Lisboa, Bertrand, 1970.
46. ROSA, Faure da. *O massacre*. Lisboa, Ed. do Autor, 1972.
47. SEQUEIRA, F.J. Martins. *Rol de estrangeirismos*. Lisboa, F. Franco, s.d.
48. SILVA, Armando Antunes. *Suão*. Lisboa, Portugália, 1960.
49. SILVA, Baltasar Lopes da. *O dialeto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1962.
50. SILVA, J.A. Capela. *A linguagem rústica no concelho de Elvas*. Lisboa, Ed. da Revista de Portugal, 1947.
51. SOARES, Antonio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954-5. 2 v.
52. SOUSA, Arlindo de. *A língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960.
53. TAUNAY, Afonso d'E. *Léxico de lacunas. Tours, E. Arrault, 1914*.
54. ————. *Filologia e crítica*. Rio de Janeiro, 1921.
55. TESCHAUER, Carlos. *Novo vocabulário brasileiro*. Petrópolis, 1918.
56. TOJAL, Altino M. do. *Os putos*. Lisboa, Preto, 1973.
57. VASCONCELOS, José Leite de. Jogo das chapas. *Revista Lusitana*, Lisboa, 22, 1919.
58. VENTURA, Mário. *O despojo dos insensatos*. Lisboa, Editores Associados, s.d.
59. VIOTTI, Manuel. *Dicionário da gíria brasileira*. São Paulo, Ed. Universitária, 1945.
60. WALLACE, Irving. *A conjura*. Trad. de Sampaio Marinho. Lisboa, Clássica, 1971, v.l.
61. ————. *O reatório Chapman*. Trad. de Eduardo Alberto de Gouveia Aguiar. Porto, Inova, 1969.